



Artur Condé
Presidente do Colégio
de Especialidade de ORL
da Ordem dos Médicos

Página do Colégio da Especialidade de ORL da Ordem dos Médicos

Colégio da especialidade e seu papel na dinamização do internato

REFLEXÃO

Após a reeleição da Direcção do Colégio ocorrida em Novembro passado, quero antes de mais manifestar a todos os colegas, um reconhecido agradecimento pela confiança e apoio que têm demonstrado no trabalho desta Direcção. A reeleição aconteceu, porque como é sabido, o mandato anterior foi interrompido com a eleição do novo Bastonário, tornando inviável a persecução do projeto que nos propusemos cumprir. Por essa razão, entendemos dever continuar com o trabalho já iniciado, para então podermos concluir o nosso projecto.

Na semana do concurso para a colocação dos novos especialistas, nas vagas que foram disponibilizadas em vários Serviços de Otorrinolaringologia nacionais, colocam-se-me algumas questões, que gostaria de partilhar.

Surpreendentemente, das 30 vagas postas a concurso somente 6(!) serão ocupadas!

Os restantes colegas, que estariam em condições de concorrer, não irão ocupar todos esses lugares, pois por arte e astúcia, ficarão noutras vagas que existiam, mas que permaneceram como que escondidas na sombra de alguns gabinetes, e por via dos tão em voga contratos individuais de trabalho, apareceram a luz do dia, cumprindo o seu desígnio de favorecimento, numa lamentável falta de transparência, com a conivência de quem manda e o silêncio de todos.

Este ultraje à dignidade e à transparência dos actos

públicos, perverte o sistema de colocação dos médicos recém-especialistas, pois descarta todo o processo de classificação e escalonamento baseado no mérito, tornando completamente inútil a classificação obtida nos exames de final de internato, pois nos CIT, a nota final do candidato, é certamente o que menos interessa. Esta prática, cada ano mais frequente, usa-se com a maior e mais descarada ligeireza, bastando somente a quem a pratica, ter a influência necessária junto dos órgãos próprios.

E isto acontece porquê?

Simplemente porque todo o processo de colocação dos médicos especialistas está enviesado, é iníquo, e continua ano após ano, a não olhar para o que deveria ser o interesse dos médicos e do SNS.

Os médicos internos, permanecem durante vários anos na mais completa incerteza e obscuridade sobre o seu futuro, sem saber onde e quando irão trabalhar, ou até mesmo se conseguirão trabalho, num período da sua vida, em que a grande maioria já assumiu importantes responsabilidades familiares.

Perante este triste cenário, que cada vez mais se confunde com a realidade, o desânimo e até alguma revolta instalam-se nos jovens médicos, dando azo a uma atitude natural de sobrevivência, própria de um ambiente onde as regras do respeito interpares, da ética e da moral, são

Página do Colégio da Especialidade de ORL da Ordem dos Médicos

Colégio da especialidade e seu papel na dinamização do internato

secundarizadas. E é compreensível este estado de espírito, e essa atitude primária “do salve-se quem puder”, pois o investimento na sua formação, corre o risco de ser desperdiçado com esta política, cuja consequência a curto ou médio prazo, levará os jovens médicos especialistas muito provavelmente e na melhor das hipóteses, para fora do SNS ou até para o estrangeiro, onde de braços abertos os acolherão, com o regozijo de quem a custo zero, consegue um técnico qualificado com uma formação de excelência.

E por cá, continuarão a faltar os médicos especialistas, embora continuemos a formar mais e mais especialistas sem futuro.

Não seria pois, mais racional um processo de abertura de vagas de formação específica, onde o candidato escolheria não só a especialidade, mas também o hospital onde iria exercer a sua actividade no futuro?

Não seria mais coerente, o Estado investir na formação de médicos, de acordo com as necessidades do SNS, baseado numa estratégia de desenvolvimento regional equitativo, onde os profissionais exerceriam a sua actividade, nos hospitais que deles necessitassem?

E se realmente quisessem desenvolver o interior, porque não implementar um quadro de incentivos à colocação de médicos nos hospitais periféricos, que poderiam ir dos simples incentivos económicos, até à ponderação positiva da sua classificação, no sistema de avaliação para a entrada na especialidade?

Com essa programação, os mais jovens não seriam inexoravelmente “despachados” para a periferia, pois também nos hospitais centrais, a recomposição dos seus quadros se faria de acordo com o mesmo princípio, porque sendo conhecidas as prováveis saídas por aposentação ao longo dos anos, não seria muito difícil, alocar novos médicos especialistas, a esses lugares então disponíveis.

Também na perspectiva dos futuros médicos especialistas, este processo, de escolha simultânea da especialidade e do serviço onde seriam colocados, seria mais transparente e permitiria uma melhor organização da sua vida, pois ao escolherem a especialidade, conheceriam também qual o local onde iriam trabalhar, permitindo-lhes assim, uma programação atempada de todo o seu trajecto de vida pessoal e profissional.

Penso que não seria impossível architectar um esquema semelhante ao proposto.

Difícil seria certamente, ultrapassar as resistências que se colocariam, sustentadas nas mais bondosas e elaboradas justificações, que no fundo têm sempre como único alicerce, a necessidade da existência de um sistema, que na sua essência permita estes atropelos.

Artur Condé